



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**GEANE TAVARES AZEVEDO**

**TRABALHO ALIENADO DA SOCIEDADE CAPITALISTA NA OBRA  
*METAMORFOSE* DE FRANZ KAFKA**

**CATOLÉ DO ROCHA  
2014**

**GEANE TAVARES AZEVEDO**

**TRABALHO ALIENADO DA SOCIEDADE CAPITALISTA NA OBRA  
*METAMORFOSE* DE FRANZ KAFKA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para à obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima

**CATOLÉ DO ROCHA  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A994t Azevedo, Geane Tavares  
Trabalho alienado da sociedade capitalista na obra metamorfose de Franz Kafka [manuscrito] : / Geane Tavares Azevedo. - 2014.  
33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Prof. Me.Rômulo César Araújo Lima, Departamento de Letras e Humanidades".

1.Senhor. 2.Escravo. 3.Divisão do trabalho. 4.Alienação. I. Título.

21. ed. CDD 330.122

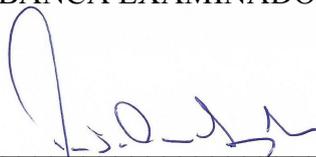
GEANE TAVARES AZEVEDO

TRABALHO ALIENADO DA SOCIEDADE CAPITALISTA NA OBRA *METAMORFOSE*  
DE FRANZ KAFKA

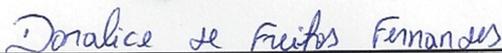
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
ao Departamento de Letras e Humanidades –  
CCHA/CAMPUS IV da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito para a  
obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: 24/11/2014.

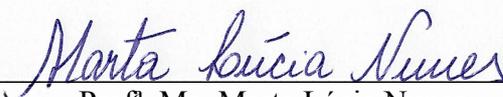
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CAMPUS IV)



Prof. Ma. Doralice de Freitas Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CAMPUS IV)



Prof. Ma. Marta Lúcia Nunes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/CAMPUS IV)

Dedico este trabalho a todos que  
fizeram parte da minha vida e  
contribuíram para a minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Jeová Deus, por ter me atraído à sua organização mostrando que se interessa por mim (Jeremias 31: 3; João 6: 44), embora eu não mereça o seu amor, sou grata pela paciência e, por me perdoar sempre que peço nas minhas orações.

A minha avó, Zeilda Tavares da Silva, que me criou e sempre fez de tudo para que eu pudesse viver satisfeita com o que tenho, me ensinando os valores e os princípios que me guiam.

A mãe e pai, Maria Vilani e Sebastião, por terem permitido, de modo relativo, que eu venha a existir nesse mundo cheio de maldade, cooperando junto com minha avó para cuidar das minhas necessidades materiais.

Aos meus colegas da UEPB, especialmente, Fabíola Sales a qual nunca deixa de mandar notícias apesar da distância.

Aos meus professores por terem marcado minha vida com bons momentos que serão lembrados com tristeza, pois não posso voltar no passado.

Ao meu orientador, Rômulo Cesar, pela paciência e por entender as minhas circunstâncias.

E, ao irmão Neto por ser a pessoa maravilhosa, compreensiva e paciente que me cativou com profundo respeito.

## RESUMO

Presente nas civilizações antigas e segregada em classes, primeiramente, entre senhor e escravo; depois em hierarquias no mesmo ambiente, as relações de trabalho ganharam novos sentidos à medida que o tempo exercia seu papel, bem como a formação de um conceito de acordo com o as estruturas sociais vigentes. Tratado como dominação dos indivíduos e ou consciência do ser em si, o trabalho serviu para separar os que possuíam os meios de produção, daqueles que dependiam dele para sobreviver diante dos desejos impostos pela sociedade. Culminando com a divisão social do trabalho e, conseqüentemente, a alienação do mesmo, o sistema de produção capitalista encontrou um meio de produzir mais em pouco tempo, se apropriando da força dos empregados a qual é vendida como mercadoria, sofrendo esta a exploração exercida pelos proprietários. Diante disso, a literatura tem contribuído para a reflexão da sociedade a qual intervêm na produção, distribuição, divulgação e acesso ao público. Tendo em vista esses fatores, esse trabalho tem como objetivo entender a alienação do trabalho na sociedade capitalista por meio da obra *Metamorfose* de Franz Kafka; o mesmo é justificado pelo fato da literatura contribuir para a compreensão das relações de trabalho existentes em nossa sociedade. Para se consolidar, a presente pesquisa tem como aparato teórico Hegel (1992); Marx (1999 e 1996); Bakhtin (1997); Cândido (2006) entre outros, classificando-a como uma pesquisa bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Senhor. Escravo. Divisão do trabalho. Alienação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO 1: AS RELAÇÕES DE TRABALHO.....</b>	<b>09</b>
1.1. Trabalho: senhor <i>versus</i> escravo.....	09
1.2. Sistema de produção capitalista: divisão social do trabalho.....	12
<b>CAPÍTULO 2: LITERATURA E SOCIEDADE.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 3: TRABALHO ALIENADO NA OBRA <i>METAMORFOSE</i> DE FRANZ KAFKA.....</b>	<b>22</b>
3.1. Autor e obra.....	22
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, as relações de trabalho estiveram relacionadas à dominação dos indivíduos, principalmente nas civilizações da Grécia e Roma antigas. Estas, por sua vez, estavam divididas em duas classes: a do senhor ao qual pertencia o conhecimento científico; e o escravo que era incumbido do serviço manual que permaneceu estagnado quanto ao seu desenvolvimento.

Essa relação adquiriu um novo sentido atribuído por Hegel como fazendo parte de uma consciência-de-si. A dominação do senhor se legitima devido ao fato de ele utilizar o escravo para trabalhar na natureza com o intuito de possuir o objeto conquistado por este. No entanto, ao depender do escravo para realizar essa tarefa, o senhor torna-se incapaz de se manter autônomo, necessitando dos serviços prestados pelo escravo.

Uma vez possuindo a técnica que molda o objeto da natureza, o escravo, a partir do seu trabalho, torna-se consciente do seu ser. Daí que o trabalho forma os indivíduos a alienação que leva à submissão.

Com o sistema de produção capitalista, a divisão social do trabalho tornou-se o motor que impulsionou a produção dos objetos, sendo que se produziria mais em menos tempo. Para isso o proprietário dos meios de produção se apropria da força de trabalho, mercadoria que a classe proletária vende para obter o salário, com o intuito de explorar através da mais-valia, ou seja, o tempo de trabalho não pago.

A literatura como reflexo da sociedade a qual retrata contribui para uma interação com o meio em que foi produzida. O autor devido às necessidades que o norteiam, produz de acordo com o ambiente em que vive recebendo a influência deste, seja na forma, conteúdo, divulgação ou o acesso do público através dos meios de comunicação.

Levando em consideração tudo o que foi exposto acima, esse estudo analisa como as relações de trabalho são apresentadas na obra *Metamorfose* de Franz Kafka. A escolha desse livro se deu pelo fato de que a alienação do trabalho é evidente no enredo.

O conteúdo analisado busca compreender as relações de trabalho, bem como a alienação do mesmo através do enredo da estória. Procura estabelecer um paralelo entre a sociedade e o modo como são tratados os trabalhadores diante das dificuldades que surgem.

No primeiro capítulo, há uma abordagem das relações entre senhor *versus* escravo, atentando para o fundo histórico que contribuiu para a formação da sociedade atual; como também apresenta o conceito de consciência-de-si difundido por Hegel.

O segundo capítulo faz referência à literatura como reflexo da sociedade a qual exerce influência na produção daquela, o autor, por ser um sujeito social, produz de acordo com o ambiente em que vive, caracterizando, assim, a relação mútua entre literatura e sociedade.

Já o terceiro capítulo foi reservado para a análise da obra com o intuito de delinear as relações de trabalho no sistema de produção capitalista, bem como a alienação do mesmo.

Por fim, são apresentadas algumas conclusões da análise com o intuito de esboçar um entendimento sobre como as relações de trabalho e a alienação deste são abordados na obra escolhida.

## CAPÍTULO 1. AS RELAÇÕES DE TRABALHO

### 1.1- Trabalho: senhor *versus* escravo

Durante muito tempo, as civilizações antigas - especificamente a grega e a romana - atribuíram ao trabalho manual a ideia de que só os escravos deveriam executá-lo, mostrando claramente a divisão social existente na época formada por duas classes: o senhor e os escravos. De um lado, os senhores, responsáveis por todo o conhecimento intelectual, artístico, científico; do outro, os escravos, grupos de pessoas submetidas ao trabalho forçado.

Visto que o trabalho intelectual ou ciência era reservado à classe dominante grega, formou-se um preconceito - com relação ao trabalho exercido pelos escravos - o qual resultou num processo de estagnação do desenvolvimento deste como afirma Iglésias (2010, p. 24 – 25):

Os gregos se distinguiram em ciência pura, com acentuado menosprezo pelas aplicações práticas. Tinham desdém pela técnica ou esforço manual [...]. Desenvolveram a ciência, mas não se interessaram pelos seus fins práticos [...]. Não lhes faltando mão-de-obra, o trabalho era desincumbido pelo escravo, ficando assim estigmatizado todo esforço manual.

Já os romanos, seguindo a mesma linha de raciocínio dos gregos, desprezaram ou ignoraram o trabalho manual, pois não havia a necessidade de se preocupar com essa modalidade, sendo ela atividade executada pelos escravos. O principal apoio que sustentava essa sociedade era a sua estrutura organizacional como relata Iglésias (2010, p.26): “Esse povo se impôs pela organização política e administrativa do império que construiu e pelo Direito, ao qual deu colaboração decisiva, ainda atuante”.

Com esse regime escravista, os senhores aumentavam sua produtividade por ampliar o número de escravos, estes por sua vez se revoltavam, pelo fato de suas condições de trabalho serem desumanas e, para deter uma rebelião a contratação de soldados era freqüente com o intuito de defendê-los e conquistar mais terras e escravos, como afirma Lessa (2008, p.59):

Para os senhores, a única forma de aumentar a riqueza era aumentar a quantidade de escravos [...]. Para isso conquistaram enormes impérios dos quais retiravam os escravos que necessitavam. [...] Em Roma, havia mais de 700 escravos para cada senhor e, se todos se revoltassem, não haveria suficientes senhores para enfrentá-los. Para se proteger dessa ameaça, os senhores contrataram soldados para defendê-los e, também, para conquistar mais terras e trazer mais escravos.

Diante desse processo histórico, as civilizações estabeleceram conceitos, preconceitos e hierarquias entre as modalidades de trabalho. O reflexo desse padrão social é observado em nossos dias no sentido de que muitas profissões são valorizadas ou desprestigiadas dependendo da área de atuação.

A ideia de trabalho é uma questão que influencia a constituição da sociedade e a formação dos indivíduos, sendo que na Grécia e Roma antigas, o conceito de trabalho dividido entre dois grupos caracterizou as relações existentes entre os membros dessas civilizações, os quais eram identificados pelas profissões que exerciam.

Segundo Hegel o antagonismo entre senhor e escravo envolve algo que está além de sua posição social: a consciência-de-si. Esta, por sua vez, existe como essência do ser enquanto indivíduo, porém, para que ela se fundamente precisa reconhecer a existência de outra consciência-de-si:

Cada extremo é para o Outro o meio termo, mediante o qual é consigo mesmo mediatizado e concluído; cada um é para si e para o Outro, essência imediata para si essente; que ao mesmo tempo só é para si através dessa mediação. Eles se reconhecem como reconhecendo-se reciprocamente (HEGEL, 1992, p. 127).

Diante dessa afirmação, um depende do outro numa relação mútua a qual tem por finalidade alcançar o objeto, ou seja, um é a essência do outro tornando-se a existência de ambos uma consequência, portanto, só existe o senhor porque existe o escravo. Um é o meio termo do outro no sentido de que o objetivo adquirido é a conclusão das relações existentes entre eles.

Ao delimitar esses dois extremos caracterizando-os como reflexo, Hegel admite uma separação no que se refere ao ponto de vista em que cada indivíduo se encontra como resultado de experiência adquiridas na vida de ambos; o senhor é, portanto, a consciência independente; enquanto que o escravo é a consciência dependente, como afirma Hegel (1992, p. 130): a “[...] consciência independente

para a qual o ser-para-si é a essência; outra, a consciência dependente para a qual a essência é a vida, ou o ser para um Outro”.

O senhor existe por si visto que se torna convencionalmente o ser que se sobrepõe sobre o outro. Ao se distinguir dessa forma ele mostra-se independente do escravo. Já este depende do trabalho que surge do desejo do senhor para conservar sua vida.

O senhor se apropria do escravo para que este seja o meio pelo qual aquele usa na realização do trabalho. A posição de dominador torna legítima à exploração do outro visto que ele depende dessa relação para ter a consciência-de-si. O objeto ou coisa a ser conquistada mediante o trabalho do escravo é independente, por isso: “[...] o senhor introduziu o escravo entre ele e a coisa, e assim se conclui somente com a dependência da coisa, e [...] a goza; enquanto o lado da independência deixa-o ao escravo, que a trabalha” (HEGEL, 1992, p. 131).

As relações de trabalho existentes entre essas classes antagônicas estão intrinsecamente interligadas, de modo que o senhor por meio do escravo obtém o reconhecimento de si por desfrutar do produto concluído; enquanto aquele resta transformar a natureza com o seu labor. Ao mesmo tempo em que há dominação, existe entre o senhor e o escravo uma relação de dependência posto que ele usa sua consciência e o trabalho para alcançar a dominação do material produzido, sem o qual o senhor não se efetuará enquanto tal, no entanto, de certa forma ele “[...] acaba escravo, porque, acostumado a ser servido, nada sabe fazer. Ele não pode se realizar como autoconsciente porque necessita do outro [...]” (CASTRO, 2008, p.92).

De acordo com esse ponto de vista o senhor torna-se escravo por depender do outro na realização de qualquer atividade que envolva a transformação do objeto; além disso, ele não possui o conhecimento nem o domínio das técnicas utilizadas no ambiente a ser modificado.

Em virtude dessa reciprocidade em relação à consciência dos indivíduos o trabalho se constitui como instrumento formativo ou educacional. Ou seja, é a partir dessa atividade que o escravo se reconhece como sujeito capaz de transformar a si e o mundo em que vive, especializando-se naquilo que ele produz.

Para Hegel (1992, p.133) existem dois momentos que são essenciais para que o escravo tenha uma consciência de ser-para-si: “o momento do medo e do serviço em geral, e também o momento do formar; e ambos ao mesmo tempo de uma maneira universal.”

De acordo com essa reflexão, sem o medo, o processo de formação não se executaria, como também, sem a atividade formadora o medo persistiria impossibilitando-o uma consciência-para-si, isto é, ser livre para si ou independente.

A formação dos indivíduos mediante o trabalho tem suas limitações, pois ela “[...]Não pode ser um formar universal, conceito absoluto; mas apenas uma habilidade que domina uma certa coisa, mas não domina a potência universal e a essência objetiva em sua totalidade” (HEGEL, 1992, p.134).

O fato de que os conceitos acerca das atividades relacionadas ao trabalho mudem com o tempo, significa que as estruturas histórico-sociais influenciam as ideias que constituem os sujeitos; classifica-os de modo a controlar suas ações para manter em ordem a situação vigente, bem como, caracteriza-os, por meio de sua consciência, de um condição de si que a primeira vista parece irreversível.

## **1.2- Sistema de produção capitalista: divisão social do trabalho**

Com a queda da sociedade feudal, surge no sistema mundial a burguesia, denominada assim por Marx, a classe que se apropria dos meios de produção e, manipula as relações pessoais para estabelecer sua hegemonia como realidade social. Do outro lado, em oposição à classe dominante, está o proletário o qual trabalha vendendo sua força em troca de salário para viver que, de acordo com Marx (1999, p. 18):

Com o desenvolvimento da burguesia, [...] desenvolve-se também o proletário, a classe dos operários modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho na medida em que este aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se diariamente, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequência, estão sujeitos a todas as flutuações do mercado.

Ao se transformarem em mercadoria, os trabalhadores dependem do valor pago pela sua força, produto comercializado por eles, para se manter socialmente diante dos paradigmas instituídos que mantêm o modo de vida exigido pela sociedade; bem como, os desejos criados para satisfazer alguma necessidade física ou espiritual.

Na mercadoria existem dois valores que influenciam a sua distribuição: o valor de uso e o de troca, cada qual com sua função, um caracteriza-se pela sua utilidade

ou consumo e o outro conduz o acarretamento quantitativo do valor de uso, atribui-se uma quantia equivalente à mercadoria, como afirma Marx (1996, p. 166):

A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. [...] O valor de uso realiza-se somente no uso ou no consumo. [...] O valor de troca aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço.

À medida que se estabelece um valor para os objetos comercializados, criam-se formas representativas para equilibrar quantitativamente a troca de mercadorias, com relação à sua circulação e, em virtude disso, o dinheiro é o elemento que possui essa característica de comprar, como nos afirma Marx (2010, p. 142-143):

[...] tudo – seja ou não mercadoria – se converte em dinheiro. Tudo se pode comprar e vender. A circulação é como uma grande retorta social, na qual tudo pode ser lançado para sair dela cristalizado em dinheiro. [...] no dinheiro desaparecem todas as diferenças qualitativas das mercadorias [...]. Mas o dinheiro mesmo é também uma mercadoria, um objeto material que pode se tornar propriedade privada de qualquer indivíduo.

A manutenção da burguesia está relacionada ao seu capital o qual consiste na relação social de extração da mais-valia produzida pelo proletário, ou seja, o tempo de trabalho não-pago ou “o excedente sobre o valor original” (MARX, 1996, p. 271) constitui a essência do lucro da classe dominante.

Essa exploração aumenta a desigualdade social provocando uma competição entre os trabalhadores. Tal competição reduz a probabilidade dos trabalhadores manterem-se no emprego, por causa das transformações tecnológicas que contribuem para a modernização dos meios de produção, diminuindo, assim, a necessidade de contratar empregados.

Sob essa ótica, fica evidente a incapacidade do sistema se conservar sem entrar em crise. A concentração de riquezas entre a classe dominante torna imprevisíveis as vendas, visto que os trabalhadores são oprimidos com baixos salários, tendo como consequência um aumento excessivo na produção; no entanto, o consumo torna-se escasso.

O acarretamento de crises comerciais torna instável a manutenção das estruturas dominantes, gera conflitos que culminam com a revolta da classe operária

que reivindica melhores condições de trabalho, se não uma mudança drástica na organização da sociedade, de acordo com as concepções idealistas de Marx (1999, p. 16-18):

[...] as crises comerciais que, repetindo-se, periodicamente, ameaçam cada vez mais a existência da sociedade burguesa. [...] A burguesia, porém, não forjou somente as armas que lhe darão a morte; produziu também os homens que manejarão essas armas – os operários modernos, os proletários.

A competição envolve a disputa entre indivíduos que pretendem alcançar um alvo. No que se refere ao sistema de produção capitalista, tal competição envolve tanto os trabalhadores quanto os proprietários os quais procuram novos territórios com a finalidade de sobrepor uns contra os outros. Com o intuito de inovar para conservar sua posição social, eles se vêem obrigados a acelerar o ritmo da criação de produtos, como relata Berman (1986, p. 92):

Quem quer que esteja ao alcance dessa economia se vê sob a pressão de uma incansável competição, seja do outro lado da rua, seja em qualquer parte do mundo. Sob pressão, todos os burgueses, do mais humilde ao mais poderoso, são forçados a inovar, simplesmente para manter seu negócio e a si mesmos à tona; quem quer que deixe de mudar, de maneira ativa, tornar-se-á vítima passiva das mudanças draconianamente impostas por aqueles que dominam o mercado.

Em virtude dessas mudanças, a necessidade de produzir para a permanência do *status quo* da classe dominante, os meios que efetuam o trabalho são fragmentados de tal maneira a existir subdivisões dentro da constituição de um único objeto.

A divisão social do trabalho é realizada a partir da fragmentação das funções dos operários num mesmo setor. As subdivisões tornam necessária a dependência de cada membro na execução das atividades que elaboram o produto. O fornecimento dos elementos que constitui o objeto desencadeia a especialização do trabalhador no que se refere à partícula reunida do produto como um todo.

Para Marx (1996, p. 458) o exemplo do relógio deixa explícito essas subdivisões em torno da divisão social do trabalho:

[...] o relógio transformou-se no produto social de inumeráveis trabalhadores parciais, como o fazedor das peças em bruto, o fazedor das molas, o fazedor dos mostradores, o fazedor da mola espiral, o fazedor dos furos para as pedras e as alavancas com rubis, o fazedor dos ponteiros, o fazedor da caixa, o fazedor dos parafusos, o dourador, com muitas subdivisões, como, por exemplo, o fazedor de rodas (de rodas de latão e de aço, de novo separados), o fazedor dos carretes, o fazedor da engrenagem dos ponteiros [...].

O trabalho mecânico em uma única modalidade de elaboração do produto estabelece uma economia, esta pode ser feita tanto no tempo gasto quanto na força exercida no processo de produção. Essa vantagem não seria alcançada caso fosse realizada pelo serviço autônomo, como afirma Marx (1996, p. 455-456):

[...] um trabalhador, o qual executa a sua vida inteira uma única operação simples, transforma todo o seu corpo em órgão automático unilateral dessa operação e portanto necessita para ela menos tempo que o artífice, que executa alternadamente toda uma série de operações. O trabalhador coletivo combinado, que constitui o mecanismo vivo da manufatura, compõe-se porém apenas de tais trabalhadores parciais unilaterais. Em comparação com o ofício autônomo produz por isso mais em menos tempo ou eleva a força produtiva do trabalho.

A divisão social do trabalho contribui com o aumento da produção, isto é, se cada membro cumprir com sua função o resultado será uma rapidez considerável diante do tempo executado. Essa cooperação articulada entre os trabalhadores abre caminho para que a indústria amplie suas fronteiras.

No entanto, a dependência das funções tem como consequência, a alienação dos indivíduos com relação à formação do objeto em si, bem como, promove a desigualdade social através da apropriação dos meios de produção que caracterizam a realização do trabalho, como afirma Chauí (2008, p. 62):

A divisão social do trabalho não é uma simples divisão de tarefas, mas a manifestação de algo fundamental na existência histórica: a existência de diferentes formas da propriedade, isto é a divisão entre as condições e instrumentos ou meios do trabalho, incidindo, por sua vez, na desigual distribuição do produto do trabalho. Numa palavra: a divisão social do trabalho engendra e é engendrada pela desigualdade social ou pela forma da propriedade.

Desse modo, a hierarquização das categorias dos trabalhadores colabora com as desigualdades sociais, pois esta se fundamenta a partir da consolidação

daquela como forma organizacional, isto é, as estruturas, uma vez equilibradas, têm de manter-se no ritmo, caso contrário, estabeleceria uma desordem.

Cada função desencadeia uma interdependência, esta é gerada pela divisão do trabalho a qual determina o que os membros irão fazer por cronometrar o tempo empregado na produção, visto que a mesma depende da cooperação exigida.

[...] essa dependência direta dos trabalhos e, portanto, dos trabalhadores entre si obriga cada indivíduo a empregar só o tempo necessário à sua função, produzindo-se assim uma continuidade, uniformidade, regularidade, ordenamento e nomeadamente também intensidade de trabalho totalmente diferentes das vigentes no ofício independente ou mesmo na cooperação simples. (Marx, 1996, p. 461).

O sistema de produção capitalista, como também a divisão social do trabalho extingue as pessoas transformando-os em seres que vendem sua força; esta por sua vez, é materializada em dinheiro usado para suprir as necessidades físicas ou espirituais.

A mercadoria produzida pelos trabalhadores não ultrapassa o campo do comércio, o mesmo circula livremente com o intuito de alcançar o maior número de cliente possível. Já o proprietário estipula as condições e os meios de trabalho. Esta relação entre a função social das pessoas as converte em coisas como afirma Chauí (2008, p. 59) apoiando-se em suas reflexões no pensamento Marxista:

[...] o trabalhador passa a ser uma coisa denominada de força de trabalho, que recebe uma outra coisa chamada salário. O produto trabalho passa a ser uma coisa chamada mercadoria, que possui uma outra coisa, isto é, um preço. O proprietário das condições de trabalho e dos produtos do trabalho passa a ser uma coisa chamada capital, que possui uma outra coisa, a capacidade de ter lucros. Desaparecem os seres humanos, ou melhor, eles existem sob a forma de coisas [...].

Diante disso, pode-se observar o que está envolvido com a divisão social do trabalho promovido pelo sistema de produção capitalista: a transformação da realidade em formas abstratas que subjuga as pessoas numa relação à parte de sua existência; a alienação dos meios de produção por parte dos trabalhadores que são obrigados a vender a única “mercadoria” que possuem: sua força.

## CAPÍTULO 2: LITERATURA E SOCIEDADE

A literatura está relacionada, entre outros fatores, ao uso estilístico da modalidade escrita da língua, esta, ao ser utilizada na constituição da obra, necessita de que o autor domine os recursos linguísticos para que o mesmo consiga se expressar.

No entanto, para compor a obra literária, o autor deixa-se influenciar pela estrutura social, exprimindo e refletindo sobre o processo histórico que está inserido sem deixar de lado a sua posição social.

Para Samuel (2000, p.14):

O escritor é um membro da sociedade, pertence a uma determinada classe social, mas a literatura não pode ser considerada apenas uma expressão da sociedade em que ele vive. O artista exprime a realidade, a História, a literatura é um reflexo do processo da história.

Com isso em mente, percebe-se que o autor se apropria dos recursos linguísticos e estilísticos com a finalidade de criar um reflexo, porém, ficcional da realidade a qual está incluído, modificando a obra literária a bel-prazer para se adequar as necessidades sociais.

A sociedade molda as pessoas de acordo com as ideologias dominantes que exercem domínio sobre elas, uma vez alienadas, assimilam os valores que regulariza, mantém e legitima a estrutura social vigente. Os sujeitos influenciados sucumbem ou silenciam sua essência para atender às exigências do sistema imposto, considerando real tudo aquilo que for oferecido ao seu intelecto.

Ainda segundo Samuel (2000, p.15):

A literatura desrealiza a realidade, para quebrar o monopólio da realidade em definir e questionar o que é real [...]. O homem na sociedade não é livre e vive uma realidade distorcida e alienada. Ou seja, o literário assenta na divergência entre a essência e a aparência; o que a sociedade considera como real é essa aparência da realidade que é falsa, mas que é tomada como verdadeira.

O poder que a sociedade tem sobre os indivíduos por submetê-los à alienação, encontra-se nas ideologias hegemônicas que adaptam e naturalizam os valores, obscurecendo o real, tornando-o a única expressão da existência humana.

O percurso da produção literária é influenciado segundo a necessidade do artista que dá forma a um tipo de realidade ficcional, esta por sua vez, determina quais serão os fatores que irão compor a essência da obra em consequência das relações sociais do autor, visto que ele próprio pertence ao mundo que tenta representar.

De acordo com Cândido (2006, p. 30) existem quatro sequências de produção: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.”

Dessa forma, a literatura estabelece uma relação intrínseca com a sociedade, por fazer desta seu objeto-modelo, incorporando e se concretizando a partir do processo histórico do autor, regido pelas ideologias hegemônicas, se apropria dos problemas sociais transformando-os numa modalidade de comunicação, ou seja, o gênero textual em si.

Para Bakhtin (1997, p. 208, 209):

O artista utiliza a palavra para trabalhar o mundo, e para tanto a palavra deve ser superada de forma imanente, para tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação de um autor com esse mundo. A escrita [...] é o reflexo impresso no dado do material por seu estilo artístico [...]; o estilo artístico não trabalha com as palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida; podemos defini-lo como o conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, e esse estilo determina também a relação com o material, com a palavra, cuja natureza deve, naturalmente, ser conhecida para se compreender essa própria relação.

A obra literária é trabalhada sob a visão de mundo do autor, isto é, aquilo que ele capta da sociedade para construir sua expressão artística. Como a língua é “um fragmento material da realidade” (BAKHTIN, 1999, p.3), ele transpõe a realidade concreta em detrimento das ideologias que mistificam os paradigmas sociais.

Por fazer da escrita e do estilo a materialização dos componentes da forma ou estrutura do texto, o autor se especializa e, conseqüentemente, aperfeiçoa sua técnica, criticando e refletindo axiologicamente o mundo em que vive.

O escritor, enquanto sujeito social, tem a sua função definida à medida que surge a necessidade de se produzir. Num determinado momento sócio-histórico ele

poderá criar sua obra literária devido às circunstâncias da época que lhes são propícias no desenvolvimento desta.

Segundo Samuel (2000, p.14):

[...] Como parte da sociedade, a literatura está 'imane'nte' à realidade (está nela). Mas como ficção, como imaginação, ela transpõe essa imanência criando uma outra realidade possível para opor à realidade concreta. Essa oposição é uma negação da realidade, para opor à realidade uma outra possível [...].

Por estar imanente à estrutura social, a literatura precisa desta para compor a forma e conteúdo a ser transmitido nos diversos meios de comunicação, os quais contribuem para facilitar o acesso às informações contidas na obra.

A criação literária pressupõe uma realidade que subjuga o mundo real, de modo que este seja o objeto a ser refletido na obra, porém, a ficção, ao exercer uma alternativa da realidade intervém nas relações sociais existentes, influenciando ou motivando as ações dos indivíduos por meio da escrita.

Embora o texto literário seja uma opção criada das estruturas sociais existentes, ele contribui para uma reflexão crítica pautada no contexto sócio-histórico o qual pertence. Orlandi (2000, p. 41) reforça que, "para um mesmo texto, leituras possíveis em certas épocas não foram em outras, e leituras que não são possíveis hoje serão no futuro".

Desse modo, a literatura fornece à sociedade elementos específicos e universais que possibilitam aos leitores novas percepções de ponto de vista à medida que se efetua várias leituras a cerca do mesmo texto e, no que se refere à influência social, esta intervém numa relação entre o conhecimento prévio da realidade de cada ser com a obra literária.

Lukács (2000, p.52), ao tratar do distanciamento entre escritor e realidade, assevera que:

quer esta distância seja orientada para o futuro ou para o passado, quer marque uma ascensão ou uma descida em relação à vida, não cria nunca uma realidade nova, mas sempre um simples reflexo subjetivo daquilo que já está lá.

Diante disso, pode-se delimitar que a obra, embora reflita a sociedade, é o resultado do trabalho estilístico de um indivíduo pertencente a um determinado

grupo; este, por sua vez, projeta-se como estrutura social articulada ou influenciada pelos valores do autor.

O objeto estético abarca todos os valores do mundo, que possuem contudo um coeficiente estético determinado; a posição do autor e seu desígnio artístico devem ser avaliados em função de todos esses valores. Não são as palavras nem o material que se beneficiam de um princípio de acabamento, é o conjunto multiforme da existência, vivida em todos os seus componentes; o desígnio artístico estrutura o mundo concreto: no espaço, cujo centro de valores é o corpo; no tempo, cujo centro de valores é a alma; e, finalmente, no sentido, no qual se insere a unidade concreta da interpenetração do corpo e da alma (BAKHTIN, 1997, p. 204).

Pode-se entender que de acordo com a posição social do autor, ou seja, sua localização no tempo e espaço, bem como, os valores sociais da época, compõe os elementos de constituição da obra literária. Além disso, existência do autor introduz no texto sua relação com o meio em que vive, seus pensamentos e/ou seu ponto de vista, no que se refere à sociedade que procura refletir em sua obra.

Os meios de comunicação são ferramentas disponíveis para a divulgação da produção artística referente à literatura. Devido aos recursos utilizados com relação às técnicas que concretizam o gênero literário, as formas em que este é veiculado variam de acordo com a necessidade, bem como o aperfeiçoamento das modalidades existentes, como aponta Cândido (2006, p. 41): “[...] as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação no meio”.

Outra maneira em que a sociedade influi na composição da obra literária está relacionada à recepção da mesma, isto é, ela precisa ser aceita e reconhecida, pois, caso contrário, ela corre o risco de cair no ostracismo, tornando-se objeto sem valor artístico.

Devido ao aumento da população em certos ambientes, bem como, o sistema de produção capitalista, criam-se grupos de leitores que estimulam o escritor a produzir com o intuito de transformar seus textos em produto puramente comercial.

Segundo Cândido (2006, p. 45):

[...] — gosto, moda, voga — [...] exprimem as expectativas sociais, que tendem a cristalizar-se em rotina. A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea de nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões.

Por determinar valores que interferem na escolha de determinada obra literária, a sociedade estabelece critérios em torno desta com a finalidade de regularizar, automaticamente, as preferências de determinado público. Este por sua vez, encontra-se preso, de modo inconsciente, às normas vigentes. Tais normas julgam-se necessárias no desenvolvimento, acesso e, por fim, na aceitação social da obra literária.

Ainda de acordo com as reflexões de Cândido (2006, p. 47):

[...] O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. [...] o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo[...].

Existem diversos fatores que contribuem para as relações entre literatura e a influencia que esta recebe da sociedade. Para tanto, faz-se necessário um melhor entendimento dos detalhes que interferem desde a posição social do autor, bem como, os valores que cercam a realidade. A obra em si, reflete a sociedade da qual faz parte, porém torna-se autônoma no sentido de que se opõe à realidade criando uma nova alternativa referente as estruturas sociais. Já o público, goza-se de usufruir as produções dos artistas mesmo que sejam manipuladas pelas ideologias hegemônicas.

## CAPÍTULO 3: TRABALHO ALIENADO NA OBRA *METAMORFOSE* DE FRANZ KAFKA

### 3.1. Autor e Obra

Franz Kafka<sup>1</sup> nasceu na cidade de Praga, na Boêmia a qual pertencia na época ao império Austro-Húngaro - hoje capital da República Tcheca, no dia 3 de julho de 1883, filho mais velho de uma família judia de classe média, teve dois irmãos, Georg e Heinrich, que faleceram algum tempo depois do nascimento e três irmãs: Gabriele (Elli); Valerie (Valli) e Otilie (Ottla), ambas morreram nos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial. Devido ao mau relacionamento com seu pai, a maioria de suas obras são associadas à opressão existente do pai sobre o filho, *A Metamorfose* é um exemplo dessa relação conturbada.

Kafka formou-se em Direito em 1906 na Universidade de Praga, onde conheceu seu amigo Max Brod que publicou suas obras póstumas; trabalhou como advogado na companhia particular Assicurazioni Generali e depois na semiestatal Instituto de Seguros contra Acidentes do Trabalho.

Franz Kafka teve relacionamentos conturbados, ficou duas vezes noivo da mesma mulher, Felice Bauer, mas não se casou nem com ela nem com as outras mulheres que conheceu cujos nomes são: Milena Jesenská, Julie Wohryzek e Dora Diamant.

Escreveu contos, novelas, romances, cartas e diários. Algumas de suas obras são: *Metamorfose*, *O Processo*, *O Castelo*, *Carta ao Pai*, *Um Artista da Fome*, *O Veredicto*, *A Construção*, *Na colônia penal*, *Um médico rural*, *Narrativas do espólio* entre outros.

Faleceu em 3 de junho de 1924 com insuficiência cardíaca, embora sofresse de tuberculose, no sanatório Kierling, perto de Klosterneuburg, Áustria.

*Metamorfose*, novela escrita em 1912 e publicada em 1915, narra a estória de Gregor Samsa que ao acordar certa manhã encontra-se metamorfoseado num inseto. Ele observa o quarto e os móveis ao seu redor. Por ser caixeiro viajante ele lamentava ter que trabalhar na firma. Em sua cama, refletia sobre sua vida e se comparava com os outros caixeiros viajantes. Sentia imenso desejo de pedir

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Franz\\_Kafka](http://pt.wikipedia.org/wiki/Franz_Kafka); acesso em: 29 de jun. 2014.

demissão, não fazia isso por causa da dívida dos seus pais, mas logo que quitasse diria ao chefe tudo o que pensava dele.

Por ter passado bastante tempo com suas reflexões, Gregor percebeu que estava atrasado para ir ao trabalho, pois já havia perdido um trem. Sentia-se indisposto para se levantar da cama até que chega o gerente da firma na qual trabalhava.

Seus pais junto com o gerente começam a chamá-lo para que dê uma explicação convincente que justificasse seu atraso. Preocupado, o pai manda Grete e a empregada buscarem o médico e o serralheiro.

Depois de muito esforço Gregor conseguiu abrir a porta. Ao vê-lo o gerente fugiu horrorizado; a mãe, a qual sofre de asma, começou a gritar e o pai ameaçou bater nele, depois de Gregor pensar em deter o gerente o pai, com uma bengala, passou a conduzi-lo de volta ao quarto; com dificuldades, passou pela porta quando o pai o golpeou violentamente causando sangramento em seu corpo.

Após acordar de um sono profundo, Gregor sente-se atraído à comida deixada pela sua irmã Grete. Seu alimento passa a ser, basicamente, legumes apodrecidos, ossos, molho branco endurecido, queijo podre os quais comia com voracidade.

A partir de então, Gregor torna-se prisioneiro em seu quarto. O pai dele revelou à família o cofre-forte em que havia guardado o capital que lhe sobrara da falência. Sua irmã se encarregou de cuidar dele levando comida estragada e limpando o quarto.

Com o tempo, cada membro da família consegue um emprego. O pai trabalhava levando o café da manhã para os funcionários do banco; a mãe costurava roupas de baixo para um comerciante; a irmã havia aceitado um emprego de vendedora numa loja e, à noite estudava estenografia e francês.

Depois de alguns meses todos o suportavam. Grete e sua mãe removeram os móveis para que ele pudesse rastejar no quarto. Enquanto transportavam os objetos Gregor saiu do quarto com a intenção de ver a sua mãe que estava com medo dele. O pai o bombardeou com maçãs ficando uma presa nas suas costas. Sua irmã deixou aos poucos de cuidar das suas necessidades, fazendo a limpeza do quarto rapidamente sem se preocupar em deixar o ambiente limpo. A faxineira tinha como passatempo insultar Gregor.

Logo em seguida vieram morar com eles três inquilinos. Certo dia, ao ouvir Grete tocar o violino para os pais junto com os inquilinos, Gregor sai novamente do quarto. Os hóspedes ao vê-lo pedem uma explicação ao pai que tenta empurrá-los para o quarto. Eles decidem deixar o apartamento sem pagar as despesas.

A família se reúne e Grete decide que eles têm de se livrar de Gregor, o pai concorda e a mãe não opina. No dia seguinte Gregor morre; a faxineira livra-se do corpo. O pai manda os inquilinos embora; os membros da família escrevem uma carta aos seus respectivos chefes pedindo desculpas pela ausência e dedicam o dia ao passeio.

A divisão social do trabalho é o modo como o sistema de produção capitalista integra os trabalhadores, os mesmos produzem mais em menos tempo e cooperam para o funcionamento de cada setor de produção, eles estão alienados no sentido de que não tem consciência da composição do produto como um todo.

A alienação do personagem Gregor Samsa quanto ao seu trabalho secular torna-se evidente já nas primeiras páginas, ele não suporta a sua condição subordinada à firma, como também, está ciente de que as relações humanas se dissiparam com as mudanças do sistema, como mostra o trecho a seguir:

- Ah, meu Deus! – Que profissão cansativa eu escolhi. Entra dia, sai dia – viajando. A excitação comercial é muito maior que na própria sede da firma e além disso me é imposta essa canseira de viajar, a preocupação com a troca de trens, as refeições irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo carregue tudo isso! (KAFKA, 2003, p. 14).

Devido à constante exigência de mudança, as indústrias sentem-se obrigadas a inovar suas mercadorias para competir umas com as outras tendo como objetivo a obtenção dos lucros; os que não conseguem acompanhar as mudanças vigentes deixam de se manter no negócio, como afirma Berman (1986, p. 92):

Quem quer que esteja ao alcance dessa economia se vê sob a pressão de uma incansável competição, seja do outro lado da rua, seja em qualquer parte do mundo. Sob pressão, todos os burgueses, do mais humilde ao mais poderoso, são forçados a inovar, simplesmente para manter seu negócio e a si mesmos à tona; quem quer que deixe de mudar, de maneira ativa, tornar-se-á vítima passiva das mudanças draconianamente impostas por aqueles que dominam o mercado.

De acordo com essa concepção, pode-se afirmar que o mesmo aconteceu com a família de Gregor, o pai dele possuía um negócio que foi à falência por não atender às necessidades impostas, bem como, sua incapacidade de competir com outros, sobrevivendo, depois da metamorfose de seu filho, com suas economias, como mostra o seguinte trecho:

Já no decorrer do primeiro dia o pai expôs toda a situação financeira e as perspectivas tanto à mãe quanto à irmã. De quando em quando ele se levantava da mesa e pegava, no pequeno cofre-forte que tinha resgatado da falência do seu negócio, ocorrida cinco anos antes [...] (KAFKA, 2003, p. 44).

[...] o dinheiro que Gregor trouxera todos os meses para casa – ele só reservava alguns florins para si mesmo – não tinha sido todo gasto e formara um pequeno capital. (KAFKA, 2003, p. 46)

O controle que as estruturas sociais têm sobre os indivíduos influenciam as escolhas de cada um. As relações de trabalho são determinadas pelos proprietários dos meios de produção que colocam seus interesses acima das circunstâncias dos outros.

Gregor se submeteu a trabalhar como caixeiro-viajante para pagar as dívidas contraídas com a falência da família, porém, ansiava o dia em que se libertaria da dominação do chefe:

[...] Se não me contivesse, por causa dos meus pais, teria pedido demissão há muito tempo; teria me postado diante do chefe e dito o que penso do fundo do coração. [...] ainda não renunciei por completo à esperança: assim que juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos meus pais [...] vou fazer isso sem falta (KAFKA, 2003, p. 15).

O fato de que no sistema de produção capitalista a cooperação entre os empregados mantém a ordem da fabricação dos produtos, a ausência de qualquer membro comprometeria as relações comerciais trazendo desvantagens sobre os proprietários. Estes, por sua vez, não admitem que nada possa interferir nos lucros, como se pode observar na expressão do gerente da firma a qual Gregor trabalha:

[...] Esperemos que não seja nada grave. Embora por outro lado eu tenha de dizer que nós, homens do comércio, feliz ou infelizmente – como se quiser – precisamos muitas vezes, por considerações de ordem comercial, simplesmente superar um ligeiro mal-estar (KAFKA, 2003, p. 23).

[...] o seu emprego não é de forma alguma o mais seguro. [...] Nos últimos tempos seu rendimento tem sido muito insatisfatório; de fato não é época de fazer negócios excepcionais, isso nós reconhecemos; mas época para não fazer negócio algum não existe, senhor Samsa, não pode existir (KAFKA, 2003, p. 24-25).

As habilidades individuais dos trabalhadores tornam-se mercadoria que podem ser comercializadas pelos mesmos, contudo, a constante mudança social suga a criatividade; a pressão exercida para inovar converte ou reprime essas habilidades de acordo com o padrão elaborado para o desenvolvimento das estruturas sociais, aniquilando o resto dos componentes que formam os sujeitos, como relata Berman (1986, p. 94):

As disponibilidades, impulsos e talentos que o mercado pode aproveitar são pressionados (quase sempre prematuramente) na direção do desenvolvimento e sugados até a exaustão; tudo o mais, em nós, tudo o mais que não é atraente para o mercado é reprimido de maneira drástica, ou se deteriora por falta de uso, ou nunca tem uma chance real de se manifestar.

As habilidades de Gregor foram reprimidas devido à sua rotina de trabalho. Esgotado diante da vida cansativa para sustentar a família, ele abre mão de fazer as coisas que eram de praxe se dedicando exclusivamente à firma, como mostra a intervenção da mãe dele para com o gerente, tentando convencê-lo da devoção que Gregor demonstrava ter ao trabalho:

[...] Esse moço não tem outra coisa na cabeça a não ser a firma. Eu quase me irrito por ele nunca sair à noite; agora esteve oito dias na cidade, mas passou todas as noites em casa. Fica sentado à mesa conosco e lê em silêncio o jornal ou estuda horários de viagem. É uma distração para ele ocupar-se de trabalhos de carpintaria (KAFKA, 2003, p. 23).

Por meio da literatura, pode-se refletir sobre a sociedade capitalista, pois o personagem incorpora características do sistema. Os efeitos que acarretaram na transformação de Gregor num inseto foram, justamente, sua insatisfação no trabalho, visto que sua função o impedia de ter uma vida significativa.

Mesmo depois da metamorfose, Gregor vê-se obrigado a trabalhar com o intuito de quitar as dívidas e, proporcionar aos pais e a irmã o padrão de vida exigido pela necessidade criada e imposta pela sociedade, fingindo, pois, estar feliz com o emprego:

- Bem – disse Gregor, consciente de que era o único que havia conservado a calma -, vou logo me vestir, pôr o mostruário na mala e partir de viagem. Vocês querem mesmo me fazer partir? Bem, senhor gerente, o senhor está vendo que não sou teimoso e que gosto de trabalhar; viajar é fatigante, mas não poderia viver sem viajar. [...] pode-se no momento estar incapacitado para trabalhar, mas essa é a hora certa para se lembrar das realizações passadas e para se pensar que mais tarde, uma vez separados os obstáculos, sem dúvida se vai trabalhar com mais afinco e forças mais concentradas. Devo muita obrigação ao senhor chefe [...], tenho por outro lado de cuidar dos meus pais e da minha irmã. Estou num aperto, mas sairei dele trabalhando (p. 30-31).

A concorrência entre os empregados demonstra que, a capacidade de se sobrepor a qualquer custo, é legitimada pela constituição das relações de trabalho. Diante disso “homens e mulheres [...] carentes de qualquer sentimento de respeito que os detenha; [...] estão livres para atropelar qualquer um em seu caminho, se os interesses imediatos assim o determinarem (BERMAN, 1986, p.112).

Com a finalidade de progredir materialmente, Gregor se esforça para ser promovido do cargo. O objetivo de ganhar mais reforça sua determinação em competir, no entanto, as relações familiares se comprometem à medida que o dinheiro torna-se a fonte de satisfação dos membros da família, como mostra o seguinte trecho:

[...] E assim começara a trabalhar com um fogo muito especial e, quase da noite para o dia, passara de pequeno caixeiro a caixeiro-viajante, que naturalmente tinha possibilidades bem diversas de ganhar dinheiro [...] que podia ser posto na mesa diante da família espantada e feliz. [...] aceitava-se com gratidão o dinheiro, ele o entregava com prazer, mas disso não resultou mais nenhum calor especial (p.45).

A metamorfose não ocorreu somente na aparência do personagem, ela também se efetuou em sua família no sentido de que para eles Gregor havia se tornado um parasita. Ele foi aos poucos se definhando em seu quarto, isolado com suas reflexões acerca da vida que levavam seus familiares.

De acordo com Marx *apud* Berman (1986, p.102): “[...] A burguesia estirpou da família seu véu sentimental e transformou a relação familiar em simples relação monetária”. Desse modo, a família de Gregor sucumbiu aos poucos qualquer sentimento ou consideração que tinham por ele, começando pela retirada dos móveis devido ao falso raciocínio de poder ajudá-lo a se rastejar melhor, deixando implícita a progressividade do tratamento frio o qual receberia com o passar do tempo, como mostra a conversa da mãe com sua irmã:

- Não é como se nós mostrássemos, retirando os móveis, que renunciamos a qualquer esperança de melhora e o abandonamos à própria sorte, sem nenhuma consideração? Creio que o melhor seria tentarmos conservar o quarto exatamente no mesmo estado em que estava antes, a fim de que Gregor, ao voltar outra vez para nós, encontre tudo como era e possa desse modo esquecer mais facilmente o que aconteceu no meio tempo. (p. 53)

Ao se afastar do serviço secular, Gregor deixou de manter materialmente sua família, desse modo eles se viram obrigados a trabalhar para preservar o mínimo possível, a vida que tinham. Simplificaram progressivamente as coisas que possuíam, vendendo o que consideravam como mercadoria que pudessem obter um lucro considerável, comprovando, assim, que a sobrevivência no sistema de produção capitalista depende de privações dos desejos, estes criados para fazer com que a economia mantenha-se num ritmo crescente à medida que surge nos desejos, como mostra este trecho:

A economia doméstica tornou-se cada vez mais restrita; a empregada foi finalmente despedida; uma faxineira [...] vinha de manhã e à noitinha para fazer o trabalho mais pesado; a mãe cuidava do resto, além de toda a costura. Aconteceu até que diversas jóias da família, que a mãe e a irmã antes tinham usado com o maior dos júbilos em festas e solenidades, foram vendidas [...] (p.5).

A alienação ao trabalho de Gregor proporcionou que o mesmo fenômeno afetasse sua família. Por se submeter às exigências impostas, cada um dos seus parentes atendia, mecanicamente, à rotina criada no trabalho que esgotava as energias dos mesmos, além de ocuparem um cargo inferior, pois:

[...] O que o mundo exigia de gente pobre, eles cumpriam até o extremo: o pai ia buscar o café da manhã para os pequenos funcionários do banco, a mãe se sacrificava pelas roupas de baixo de pessoas estranhas, a irmã corria de lá para cá atrás do balcão ao comando dos fregueses, mas as energias da família não iam mais longe que isso. (p. 65)

Mesmo diante dessa situação “humilde” no que se refere ao tipo de trabalho que cada um exercia, bem como o estilo de vida simples, eles se metamorfosearam nas suas relações familiares com respeito a Gregor, tendo de suportá-lo, uma vez que nesse estado ele era inútil:

- Queridos pais – disse a irmã e como introdução bateu com a mão na mesa -, assim não pode continuar. [...] Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro e por isso digo apenas o seguinte: precisamos tentar nos livrar dele. Procuramos fazer o que é humanamente possível para tratá-lo e suportá-lo e acredito que ninguém pode nos fazer a menor censura (p.76-77).

- Precisamos tentar nos livrar disso – disse então a irmã [...] – isso ainda vai matar a ambos, eu vejo esse momento chegando. Quando já se tem de trabalhar tão pesado, como todos nós, não é possível suportar em casa esse eterno tormento (p. 77).

Ainda com respeito ao tratamento cruel de Gregor, pode-se observar a frieza dos familiares ao receberem a notícia do seu falecimento: “- Bem – disse o senhor Samsa -, agora podemos agradecer a Deus” (p.82). O mesmo também não teve o prazer de ser enterrado: “- A senhora não precisa se preocupar com o jeito de jogar fora a coisa aí do lado. Já está tudo em ordem (p.85).

O estado desumano o qual Gregor sentiu e sofreu reflete a sociedade, visto que a literatura reflete a realidade com o intuito de interferir nela de modo a influenciá-la. Contudo, as ideologias hegemônicas reprimem os indivíduos até sugar seus objetivos na vida. Desse modo, a alienação ao trabalho segrega as famílias junto com os sujeitos que dependem dele para sobreviver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi analisado, pode-se entender que as relações de trabalho junto com a alienação deste se efetuam a partir do processo sócio-histórico dos mesmos.

Nessa análise, procurou-se fazer um percurso dos conceitos das relações de trabalho, considerando as divisões que sociais que realizou no percurso do tempo, inicialmente em duas classe antagônicas as quais caracterizaram-se pela dominação de um sobre o outro, dominação esta legitimada pelo trabalho.

Devido às mudanças ocorridas na sociedade que culminou com o estabelecimento do sistema de produção capitalista, o trabalho, que antes o indivíduo possuía o conhecimento de sua produção, passou ter subdivisões num mesmo setor.

Com a exploração dos empregados, bem como, a transformação da força de trabalho em mercadoria, as relações de trabalho se tornaram mecânicas e insatisfatórias, pois o indivíduo, além de não possuir os meios de produção, não usufruía do fruto do seu trabalho.

Percebe-se, ao longo deste trabalho que a sociedade influi na produção literária, visto que esta é um reflexo daquela no que se refere à sua composição.

Em *Metamorfose* o autor conseguiu transpor o trabalho alienado da sociedade vigente, refletindo as angústias de uma vida insatisfatória, como também, o modo desumano que as pessoas vivem e se relacionam.

Portanto, através desse estudo, contribuiu-se um pouco para a ampliação da abordagem da temática por desenvolvê-la de forma a apresentar um ponto de vista que tente compreender as relações de trabalho existentes.

## **ABSTRACT**

Present in the old civilizations and segregated in classes, firstly, between gentleman and slave; then in hierarchies in the same atmosphere, the work relationships won new senses as the time exercised your role, as well as the formation of a concept in agreement with the effective social structures. Agreement as the individuals' dominance and or conscience of being in itself, the work was to separate the ones that they possessed the production means, of those that depended on him to survive before the desires imposed by the society. Culminating with the social division of the work and, consequently, the alienation of the same, the system of capitalist production found a middle of producing more in little time, appropriating of the force of the employees which is sold as merchandise, suffering this the exploration exercised by the proprietors. Before that, the literature has been contributing to the reflection of the society which you/they intervene in the production, distribution, popularization and access to the public. Tends in view those factors, this study aims to understand the alienation of labor in capitalist society by *Metamorphosis* by Franz Kafka work; it is justified by the fact of the literature to contribute for the understanding of the existent work relationships in our society. To consolidate, to present research he/she has as theoretical apparatus Hegel (1992); Marx (1999 and 1996); Bakhtin (1997); Cândido (2006) among other, classifying her as a bibliographical research.

**WORD-KEY:** Mister. Slave. Division of the work. Alienation.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Tradução de Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti; Marcelo Macca. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.

CASTRO, Susana de. **Introdução à filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CULT: Filosofia contra o sistema, São Paulo: PROL, n. 4, ano 15, jan. 2012.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Efen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

IGLÉSIAS, Francisco. **A Revolução Industrial**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

KAFKA, Franz. **Metamorfose**. ed. 2. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**. ed. 34. São Paulo: Duas cidades, 2000.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. ed. 8. São Paulo: Cortez, 2000.

SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1985.

**Manifesto Comunista**. Disponível em: [WWW.ebooksbrasil.org/adobeebooks/manifestocomunista.pdf](http://WWW.ebooksbrasil.org/adobeebooks/manifestocomunista.pdf); Acessado em: 15 de dez. 2013.